

A Construção do Conhecimento pola Historiografia Literária dum Sistema Deficitário (o caso galego para 1974-1978)¹

ROBERTO LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM

Universidade da Corunha

Grupo Galabra (Universidade de Santiago de Compostela)

Resumo:

O presente artigo é resultado de um projeto de investigação cujos objetivos dizem respeito ao estudo dos processos de construção de sistemas literários/ culturais à partida debilmente institucionalizados. Partimos da hipótese de que o estudo dos métodos e os procedimentos utilizados para a construção e hierarquização de um determinado (tipo de) conhecimento(s) sobre um estágio concreto dum sistema cultural dessas características, é necessário para entendermos a origem, a função e a conformação das regras e materiais que estruturam do ponto de vista simbólico e identitário a comunidade que sustenta esse dado sistema.

Neste contributo partimos do levantamento e o estudo quantitativo, qualitativo e relacional de diferentes tipos de materiais produzidos no subcampo da crítica e a historiografia literária com a finalidade de avançarmos no conhecimento em dous sentidos

1 Este trabalho inclui-se no projeto de investigação FISEMPOGA ("Fabricação e Socialização de Ideias num Sistema Emergente durante um Período de Mudança Política. Galiza 1968-1982") subsidiado pola DGPYTC do Governo da Espanha entre os anos 2009-2011 (FFI2008-05335/FISO).

fundamentais: por um lado, interessa-nos conhecer esses procedimentos, as regras propostas, os critérios de inclusão ou hierarquização colocados em virtude de determinados interesses e posições, e os materiais e as ferramentas teórico-metodológicas utilizadas pelos agentes e grupos que participam nesse processo de institucionalização. Por outro lado, queremos-nos aproximar tanto dos resultados (e das eventuais carências) do processo de canonização em que esses grupos estão envolvidos como dos mecanismos de diverso tipo que nele operam e que o explicam.

Da nossa análise concluímos que esse conhecimento não foi elaborado nem arrumado de maneira e com ferramentas teórico-metodológicas ou procedimentais de tipo relacional, facto que explica tanto o carácter parcelar e parcializado do próprio conhecimento, como as ausências detetadas em relação às normas que funcionam no sistema, aos métodos utilizados para a sua abordagem, à organização e hierarquização do saber, ou aos programas, projetos e estrutura institucional dos grupos que agem no sistema cultural em foco em um período histórico de forte mudança política em que, em boa medida, são construídas as ideias que ainda conformam essa comunidade ibérica no momento atual.

Palavras chave: Historiografia literária, processos de canonização, sistemas literários deficitários, emergência, Galiza, franquismo

Abstract:

This article is part of the results of a research project which has as its main aim the study of the construction processes of cultural/literary systems scarcely institutionalized from a start. Our point of departure is the hypothesis that the study of the methods and procedures used for the construction and organization into a hierarchy of a certain (kind of) knowledge(s) about a determined phase of a cultural system with those characteristics, is necessary to understand the origin, function and development of rules and materials structuring from a symbolic and identity point of view the community that holds that system.

In this contribution we begin with the collection of different kinds of materials produced in the literary historiography and critic subfields, and their study from a quantitative, qualitative and relational point of view, in order to go further in its knowledge in two fundamental senses: on one hand, we are interested in knowing the procedures, proposed rules and criteria for the inclusion or organization into a hierarchy, held depending on determined interests and positions, as well as in stating the materials and theoretical-methodological tools used by agents and groups participating in that process of institutionalization. On the other hand, we focus both the results (and possible lacks) of the canonization process those groups are involved in, along with the mechanisms of different condition which work in it and explain it.

From our analysis, we conclude that this knowledge was not elaborated or arranged with tools either theoretical-methodological or relational in its procedure, a fact that explains: the limited and partial nature of that knowledge; the absences detected regarding the rules in force in the system; the methods applied for its analysis; the organization, also into a hierarchy, of information; and, in the end, the programs, projects and institutional structure of those groups acting in the cultural system in study for a

historical period of high political change when, to a large extent, those ideas nowadays still conforming the Iberian community were created.

Key-words: Literary historiography, Canonization processes, Deficient literary systems, Emergence, Galiza, Francoism

Este trabalho revisa um volumoso corpus bibliográfico de variada tipologia (manuais e histórias da literatura, monografias, antologias e materiais críticos, educativos e legislativos de diferente natureza)² com o objetivo de analisar as várias questões relacionadas com as regras, os materiais e as ferramentas metodológicas e procedimentais com que os principais grupos presentes no campo da crítica e da historiografia literária da Galiza foram construindo desde 1979 até 2009 o conhecimento sobre o Sistema Literário Galego (SLG) em relação a um período do seu desenvolvimento (1974-1978) determinante para a configuração atual da comunidade galega.³

A nossa hipótese de partida é que as ferramentas procedimentais e teórico-metodológicas com que é abordado (e arrumado) o conhecimento dum determinado objeto de estudo determinam a tipologia (e as lacunas) do conhecimento assim gerado. Em função disto, para além

2 Dentre estes materiais, serão aqui citadas apenas aquelas referências consideradas imprescindíveis para a sustentação ou exemplificação duma determinada posição crítica ou dum assunto concreto.

3 Ainda que os resultados da presente análise sejam de aplicação em grande medida ao conjunto do SLG historicamente considerado, o estágio concreto do sistema objeto do conhecimento analisado abrange desde o assassinato em finais de dezembro de 1973 do almirante Carrero Blanco (presidente do governo do ditador Francisco Franco e seu previsível sucessor) até o referendo da Constituição Espanhola em dezembro de 1978 e está caracterizado, sumariamente, 1) por apresentar à partida uma situação que os próprios agentes nele participantes identificam como deficitária (fundamentalmente na sua extensão, autonomia e grau de institucionalização); 2) por compartilhar (ou disputar, segundo grupos e programas) o espaço social com um sistema cultural já relativamente autónomo e fortemente institucionalizado -no caso galego o Sistema Literário (em) Espanhol [SLE]-; 3) por suportar um alto nível de *stress* provocado pelas fortes mudanças experimentadas no campo político (nomeadamente quanto à passagem dum regime ditatorial e centralizado para um quadro administrativo definido pela democracia parlamentar e a delegação parcelar de autonomia política); e 4) por experimentar um incremento relativo de produção e acúmulo de energia (entendida como trabalho social) que se traduz no aumento quer da intensidade dos labores culturais quer do número de agentes e grupos envolvidos na fabricação e promoção de ideias para a comunidade.

de identificarmos os principais grupos responsáveis pola construción do coñecemento sobre o SLG no período seleccionado, analizamos os criterios e procesos que conduzirom à eventual elaboración duma determinada hierarquia no saber e ao establecemento e canonización dum dado tipo de coñecemento, estudando os métodos e os procedimentos utilizados para a súa construción.

1. Tipologia dos discursos críticos

Apesar de verificarmos no conxunto da produción crítica analisada a existencia dum grau relativamente elevado de ecletismo metodolóxico (que contribuí para a relativa neutralización das diferenzas de focagem), a historiografía literaria galega das tres últimas décadas pode ser localizada no espazo metodolóxico delimitado entre dúas posicións teóricas básicas: 1) a identitaria, de carácter heterónomo, focagem histórico-social e nacionalitaria e funcionalidade explicitamente política; e 2) a sustentada em postulados sistémicos que, segundo afirma, tenciona focar a literatura como uma instituição relativamente autónoma. Junto destas dúas correntes principais, documentámos ainda um setor historiográfico minoritário que se ocupa do período 1974-1978 postulando como regra determinante à hora de legitimar e atribuir valor aos produtos integrados no SLG o *criterio estético* (Samartim 2009), isto é, a minimización crítica dos elementos externos ao espazo textual e a valorización da perfeição formal ou da beleza sentida ou percebida num texto tido por literário.

Em geral, os contributos em volta das regras delimitadoras ou hierarquizadoras do SLG presentes na bibliografía em foco están a indicar que todas as análises partem da aceptación do uso da lingua galega como única norma sistémica (regra que baliza sistemas segundo Torres Feijó [2004: 429] e, neste caso, identifica como pertencentes ao SLG unicamente os materiais em galego), ainda que existe um recoñecemento explícito das dificultades de aplicación deste criterio lingüístico em situacións raramente concretadas mas, em todo o caso, apontadas para períodos caracterizados pola falta de autonomía no campo político, por uma situación lingüística precária quanto ao recoñecemento social

e institucional da língua galega e com uns campos culturais deficitários quanto ao seu grau de autonomia, institucionalização, estrutura e funcionamento.⁴ Em última instância, a posição de unânime centralidade ocupada na historiografia literária galega polo chamado *critério filológico* desde 1963 (ano em que foi apresentado como “científico” polo crítico ligado à Editorial Galaxia Ricardo Carballo Calero [1981]) é resultado do trabalho dos vários grupos galeguistas atuantes neste sistema ao longo do seu processo histórico de construção.

Assumindo este critério linguístico, o setor maioritário da crítica galega posterior a 1978, localizada no âmbito político-cultural do nacionalismo galego da esquerda e encabeçada polo professor Francisco Rodríguez, elabora desde inícios de setenta um corpus ideológico no qual funciona como principal critério normativo de caráter legitimador e hierarquizador o *critério identitário* (Samartim 2009), segundo o qual a posição mais ou menos central no sistema dum determinado elemento estará em função do grau de consciência da Galiza como entidade cultural diferenciada que, a juízo do próprio grupo, achegue esse elemento ao SLG. Por seu lado, uma parte da crítica literária galega adota desde os inícios da década de noventa do século XX um discurso metodológico de caráter sistémico e aponta para a utilidade das teorias relacionais tanto para a delimitação mesma do objeto de estudo como para a identificação e a análise das normas atuantes no SLG. No entendimento de que um sistema literário está conformado pola rede de relações em que participam uma série de elementos interdependentes no quadro dumas determinadas regras de jogo ou de entendimentos institucionais, a professora da USC Dolores Vilavedra (uma das principais representantes deste discurso crítico) denomina “criterio sistémico” um requisito de natureza metodológica segundo o qual serão considerados como fazendo parte do SLG todos os elementos que participem numa determinada rede de relações (sistema) em virtude da aplicação das normas verificadas no seu funcionamento.

4 Esta descrição corresponde-se com o desenvolvimento do SLG na imensa maioria do seu percurso histórico e também, em grande medida, com o lapso temporal estudado no projeto Fisempoga o qual, porém, não figura entre os momentos em que a bibliografia analisada deteta uma aplicação deficitária deste critério linguístico.

Estas duas focagens teóricas (aqui “identitária” e “sistémica”) coincidem na necessidade de utilizar **paradigmas interpretativos** capazes de dar conta das especificidades históricas de sistemas literários como o galego (literatura “periférica” ou “débil”, segundo seja Rodríguez [1996] ou Vilavedra [1999] a referi-la), caracterizados por uma deficiente institucionalização política e cultural e por uma situação linguística identificada como diglósica, fronte a sistemas “centrais” ou “fortes”, com alto grau de autonomia e institucionalização e que têm acreditada, portanto, a sua *suficiencia sistémica* (Torres Feijó 2000: 970 e ss)]. Desta maneira, o percurso bibliográfico efetuado inicia-se com reflexões explicativas da necessidade de utilizar metodologia específica para o estudo do SLG a partir da sua identificação com sistemas literários periféricos em “situaciones de tipo colonial o semicolonial” (Vázquez Cuesta 1980: 622), de acordo portanto com os parâmetros propostos pela crítica nacionalista, que considera que o caráter colonial da Galiza determina os modos de estudo do SLG e se (pre)ocupa em evidenciar a natureza social e nacionalitária da prática literária na Galiza e em explicitar a autonomia do SLG a respeito do SLE.⁵

Em meados de oitenta, Anxo Tarrío (1986) ainda partia do conceito de “colonialismo interior” (postulado em 1967 em *La Révolution régionaliste* por Robert Lafont e divulgado em inícios de setenta no campo intelectual e político galego fundamentalmente por Xosé Manuel Beiras) para tentar “unha canle de investigación que dera conta dos trazos temáticos, estilísticos, simbólicos, etc., que comparten un número importante de obras literarias producidas en países en vías de desco-

5 “A práctica literaria que merece o nome de galega non é un apéndice da española, senón algo específico, dunha realidade específica. O que se entende por un produto cultural xenuíno, coa súa propia dialéctica, coa súa diferenca lingüística e coa súa realidade referencial e visión do mundo diferenciada” (Rodríguez 1996: 6). Em inícios de oitenta, Pilar Vázquez Cuesta (1980: 626 e 628), próxima de posições favoráveis à (re)integração cultural galego-portuguesa na altura, reforça esta ideia da autonomia do SLG face o SLE estabelecendo paralelismos entre os sistemas galego e português. Este último funciona inicialmente para o galeguismo como referente de reintegração, mas perde centralidade nas estratégias do conjunto deste movimento no franquismo (sobretudo se comparado com o pré-guerra [Torres Feijó 1995]) e pode funcionar também como referente de analogia ou de oposição (Beramendi 1991) para alguns grupos, nomeadamente no último caso para o Instituto de la Lengua Gallega (ILG), instituição central no campo linguístico desde a sua fundação na USC em 1971 (Samartim 2005).

lonización” (Vilavedra 1999: 33). Em fins de noventa, porém, Tarrío (1997: 44) diz analisar já o SLG “dende unha consideración sistémica da literatura como unha institución social, seguindo unha metodoloxía na que interesa, máis có valor estético ou artístico da obra, reunir e interrelaciona-los elementos que a fan posible como fenómeno observable”. Esta mudança de paradigma interpretativo leva o professor da USC a posições compartilhadas com a sua colega Dolores Vilavedra (1999: 34-35), quem bota mão por sua vez também do conceito de “etnopoética” (utilizado por González-Millán em 1991) por considerá-lo “un instrumento especialmente útil para situacións como a galega en que as tensións entre centro e periferia, tanto intrasistémicas coma intersistémicas, perturban [...] non só o funcionamento, senón a propia definición do sistema”.

Vilavedra (1999: 34) analisa a adaptabilidade deste modelo teórico ao caso galego e considera que entre as suas vantagens está o facto de ajudar a explicar as “particularidades do discurso literário étnico” e que, nesse sentido, representa “unha oportunidade para superar os límites epistemolóxicos e axiolóxicos impostos polos discursos críticos xerados polas literaturas hexemónicas, ó tempo que pon en evidencia dimensións silenciadas -en tanto que subversivas- polas instancias canonizadoras”. Contudo, a professora compostelã coloca entre os défices da “etnopoética”, centrada no estudo dos processo de construção nacional através do feito literário, parecidos argumentos aos apontados para questionar a função hierarquizadora atribuída ao *critério identitário* por Francisco Rodríguez (analisados em Samartim 2009), basicamente “predeterminación ideolóxica, o que se traduce en parcialidade e escasa versatilidade”, assim como “que o seu obxectivo prioritario sexa contribuir ó proxecto de construción dunha cultura nacional diferenciada, co que isto implica de condicionante teleolóxico” (Vilavedra 1999: 35).⁶

6 Em troca, a proposta de Vilavedra (35-36; *itálicos nossos*) passa pola adoção de “un certo eclecticismo á hora de configurar un modelo interpretativo co que dilucidar a especificidade do discurso literario galego. [Isto significa que] o investigador da literatura se dote dun abano de instrumentos metodolóxicos o suficientemente extenso e variado [...] instrumentos que deberán mudar ou complementarse segundo as *épocas, os autores e os xéneros*, e que na miña opinión deben cumprir, antes ca calquera outro, tres requisitos fundamentais: seren compatibles cunha definición máis ampla do que tradicionalmente se viña entendendo por «literatura», que atenda tamén ó seu carácter institucional; *actualizaren e autonimizaren os*

Também desde a crítica de base relacional, o professor González-Millán (1994 e 1996) aborda as mudanças experimentadas no SLG desde o fim do franquismo até a consolidação do período autonómico sustentando que é a progressiva perda de influência canonizadora dos critérios legitimadores heterónomos, fundamentados no que vimos chamando *critério identitário*, a favor doutras normas hierarquizadoras mais próximas quer da autonomia do campo literário quer do funcionamento do mercado, o que caracteriza um sistema cultural que alcança durante as duas últimas décadas do século XX um grau de institucionalização e autonomia até então desconhecidos.⁷ O professor do Hunter College coloca a baliza inicial dos seus trabalhos “na percepção dun cambio de perspectiva a partir de 1975 *e sobre todo na década seguinte*” (González-Millán 1994: 13; *itálicos nossos*) e estuda o processo de autonomização e institucionalização do SLG após o franquismo partindo de Moisan e Saint-Jacques (1987) para apontar que (González-Millán (1996: 17-18)

o grao de autonomía dun campo literario como o galego debe medirse en relación con tres criterios: a delimitación da súa especificidade discursiva, a efectividade da súa lexitimación nacional e a consolidación da súa articulación como obxecto de estudio e ensino. [...] Estes tres horizontes de autonomía son unha guía excelente para estudar a transformación dun espacio literario como o galego, que a partir de 1975 ve como os diversos colectivos se esforzan por consolidar un campo especializado cun discurso propio e cunhas institucións específicas. As consecuencias desta nova dinámica son obvias: unha redución do ámbito de lexitimación do discurso literario, ao perder a multifuncionalidade social das décadas anteriores; unha maior autonomía para poder

criterios identificadores da valencia literaria e, por último, daren conta da especificidade que caracteriza os distintos niveis do sistema literario galego en tanto que formulado nunha lingua non normalizada”.

- 7 Nesse mesmo período está também a ser construída na comunidade que sustenta o SLG a autonomia política reconhecida na Constituição de 1978. Neste sentido, partindo da hipótese de Bourdieu segundo a qual os campos de produção cultural ocupam uma posição dominada a respeito dos campos do poder, apontamos para o interesse de estudar as relações entre os dous processos (autonomia política e cultural) sem negligenciar que “as possibilidades de autonomia do campo literario galego supoñen un poder galego real, político, económico, etcétera, fronte ó que [ter a possibilidade de] declararse autónomo” (Figueroa 2001: 127).

funcionar como un discurso social específico; e unha drástica redución nas credenciais do escritor como depositario da memoria nacional, por ter que compartilas com outros axentes sociais, que dende as súas propias áreas de especialización reivindicán distintas articulacións da memoria colectiva.⁸

Em resumo, para González-Millán (1996: 28) a “tensión entre unha consagración autónoma e unha lexitimación heterónoma tradúcese, no caso de literaturas como a galega, na dificultade de dar o paso do nacionalismo literario a unha literatura nacional” ou, por outras palabras, na passagem complexa do que a crítica dita “pos-colonial” chama *literatura de resistencia* (Harlow 1987) para um sistema literário com o suficiente grau de institucionalização e autonomia (quer a respeito do sistema cultural com que compartilha/ disputa espaço social quer dos campos do poder político e económico) como para que a sua continuidade e reprodução não seja percebida como problemática polos grupos e instituições atuantes nele.⁹

8 Estas alterações esclarecem também sobre a *resistencia sistémica* (Samartim 2009) daqueles grupos que sustentam os repertórios e a função nacionalitária atribuída ao discurso literário galego em períodos anteriores, caracterizados (em geral para o caso do período pré-autonómico) polos défices no funcionamento do sistema e por uma situação em que “canonización estética y legitimación social eran uno y el mismo proceso, dominados no por las frágiles normas de un precario campo literario, sino por las presiones sociales y políticas, nacidas de los conflictos asociados con determinados actos de resistencia y reivindicación colectivas” (González-Millán 2002: 226-227).

9 Se a interpretação que fazemos dos postulados de González-Millán for correcta, ao identificar o conxunto do SLG galego previo à morte do ditador com o “nacionalismo literário”, este crítico aponta para uma situação de monopólio legitimador (ou, polo menos, de clara hegemonia nos instrumentos de legitimación) do discurso militante nacionalista no SLG da década de setenta. A alegada passagem do “nacionalismo literário” para a “literatura nacional” sustentaria-se, assim, na perda do monopólio legitimador do texto nacional no conxunto do sistema, facto que tería acontecido de maneira progressiva após o franquismo e com a conseguinte instauración da autonomía política na Galiza. Julgamos que esta idea é central nos traballos de González-Millán mas que, sem pretendermos minusvalorar tampouco o peso das propostas nacionalistas no SLG de 1974 a 1978, isto não se corresponde *exatamente* com a realidade do acontecido na altura. Os últimos traballos da equipa que sustenta o projeto Fisempoga (Samartim 2010) questionam o alegado monopólio do discurso nacionalitário de resistencia e obrigam também a incluir nas análises do SLG as tomadas de posición dos grupos que relativizam a función do *critério filológico* como norma sistémica (excluídos, por isso, das margens do sistema pola crítica historiografía a 1978) e a ponderar no estudo do conxunto do sistema as ações dos grupos galeguistas mais institucionalizados nos cam-

Completamos a síntese das tipologias dos principais instrumentos analíticos com que a historiografia literária galega das últimas três décadas pretende explicar o funcionamento dum sistema literário periférico em processo (dinâmico, não teleológico) de construção e em concorrência polo mesmo espaço social com um sistema autónomo e fortemente institucionalizado com a referência à investigação de M. Xesús Rodríguez Fernández (1999). Ainda que com impacto praticamente nulo fora do âmbito do grupo Galabra da USC em que foi elaborado (e para além das óbvias funções de reflexibilidade e explicitação do posicionamento crítico também do presente trabalho), a utilidade da investigação de Rodríguez Fernández (1999: 54-57) reside em se ter aproximado da “Recepção literária em situações de conflito” e, com base nas achegas neste campo do professor Antón Figuerola (1988), ter integrado nas suas análises os métodos de abordagem de natureza relacional acompanhados também por González-Millán, colocando no centro da pesquisa sobre o SLG o estudo das relações (nomeadamente aqui com o SLE), das estratégias (em maior ou menor medida sucedidas quando analisadas *a posteriori*) e das características das normas e dos materiais com que os grupos que atuam num sistema literário periférico trabalham para construir a autonomia (ou para manterem ou mudarem o nível ou o tipo de relação tanto com o sistema em contato como com os campos do poder) em função dessas mesmas regras e materiais terem mais ou menos precariedade ou suficiência.¹⁰

pos culturais, que são em geral abertamente contrários aos repertórios (sociais, artísticos ou político-identitários) promovidos pelos grupos nacionalistas, defendem em maior grau que os agentes da esquerda a autonomia relativa da arte e fazem um uso sensivelmente diferente da função modelar atribuída a tradição, ainda que, neste sentido, tal como afirma Rodríguez Fernández (1999: 122), “a persistência no repertório da tradição como o garante máximo da galegidade e da vocação resistente da cultura galega, aproxima-os [aos nacionalistas], em parte, daqueles grupos galeguistas que defendem um repertório mais essencialista, aos que, no entanto, questionam porque do seu ponto de vista desideologizam o seu repertório, folclorizando os seus materiais e descontextualizando-os das circunstâncias políticas e históricas por que foram criados”.

- 10 A partir de que González-Millán (1994: 30) afirmasse que “son múltiples os indicadores da confrontación entre as dúas institucións literarias que actúan en Galicia, a galega e a de expresión castelá”, Rodríguez Fernández (1999: 46) aponta que no SLG pós-franquista confrontam-se grupos que pretendem consolidar no espaço social galego um sistema literário com a língua galega como norma sistémica, com outros que “formulam a existência dum único polissistema, o espanhol, que integraria como periféricos, portanto como subsistemas, o catalão, o galego e o basco”. Entre as instituições que legitimam esta segunda opção Rodri-

2. Procedimentos de Abordagem

No levantamento bibliográfico efetuado reparámos também em que a exposição das diferentes propostas metodológicas apresentadas nas páginas precedentes não se reflete na utilização, no acompanhamento ou na aplicação de procedimentos de abordagem essencialmente dissemelhantes dum mesmo objeto de estudo e, em consequência, em resultados analíticos substancialmente diferentes. Polo contrário, a bibliografia crítica analisada caracteriza-se pola **neutralização da metodologia** de partida, facto que não julgamos alheio ao peso da tradição também no campo da historiografia literária galega. Com uma tradição historiográfica condicionada também pola precariedade institucional em que o conjunto do SLG é dialeticamente construído, isto pode contribuir a explicar a prática verificada no conjunto dos materiais analisados, que se ocupam da reunião de elementos que cumprem a única norma sistémica contemplada (a utilização da língua galega), da sua arrumação em géneros canonizados e da sua seleção e análise temático-estilística através da focagem de “obras e autores” (como *tradicionalmente* vem fazendo a historiografia literária de sistemas considerados “centrais” ou “fortes”, portanto). Entendemos, então, que a neutralização metodológi-

quez Fernández coloca o ensino, alguns prémios literários bilíngues galego-castelhano e propostas críticas como as exemplificadas por Dario Villanueva (1992: 15 e ss.), elementos todos que parecem trabalhar para a conformação dum agregado de sistemas que compartilham norma(s) sistémica(s); este *intersistema literário* (Torres Feijó 2004) que Dario Villanueva (2000) cataloga como “Literatura española” (diferente da “Literatura castelá” e da “Literatura española en lingua castelá”) teria como norma sistémica o uso dalguma língua presente no Estado (castelhano, galego, catalão ou euskara). Ao lado destas duas opções principais, Rodríguez Fernández também refere as propostas de (re)integração no intersistema luso-afro-brasileiro sustentadas por grupos periféricos no período autonómico. Ora, para o que agora nos interessa, esta investigadora afirma que em nenhuma das três macro-estratégias referidas se concretiza “quais são os elementos em que assentam a sua definição do que deve ou não deve ser incluído no mesmo [SLG], [isto é,] como se distinguem os produtos galegos dos outros com os que concorre ou, dependendo da visão, convive” (Rodríguez Fernández 1999: 47). Esta investigadora acompanha Torres Feijó (2000: 969) nas conclusões sobre esta questão e afirma que, como os sistemas literários cifram a sua diferença e a sua suficiência em termos de normas, modelos e materiais repertoriais *diferenciais e concorrentes*, apesar do triunfo que significou para as propostas dos grupos galeguistas o consenso estabelecido em torno à consideração da *língua galega como norma sistémica a partir de 1980* (Rodríguez Fernández 1999: 54), “existem outras normas de repertório que de não se actualizarem, mas sobretudo, dada a debilidade do repertório galego, de não se criarem com as duas premissas de diferenciação e concorrência [...], põem em perigo a subsistência e a sobrevivência do sistema literário galego para se definir como autónomo”.

ca e o peso da tradição (também formal) estão na base dos resultados centrados em abordagens temático-estilísticas de autores e obras agrupados em gerações e géneros.

No sentido ainda desta **confluência de resultados**, existem também elementos compartilhados entre os três discursos críticos referidos acima que a justificam em grande medida; assim, as referências ao “contexto” que faz a crítica mais textocêntrica e esteticista¹¹ contribuem para aproximar este discurso do da crítica nacionalista, que oferece já nos anos oitenta em troca “unha visión da historia da literatura como manifestación cultural dun proceso histórico, que *respeita a autonomía do texto nos seus valores estéticos*” (Mato Fondo *et al* 1988: 9; *italicos* nossos). Juntamente com isto, o “critério histórico-político interno” (Rodríguez 1990: 19) sustentado pela historiografia nacionalista não parece contraditório com a explicação da literatura como um fenómeno social e histórico própria dos discursos sistémicos que, para além de pretender integrar esse discurso crítico de natureza política, também levam em conta o “protagonismo da función poética da linguaxe no texto literario” (Vilavedra 1999: 18).

Apontamos, contudo, para a escassa integração das relações entre elementos e campos na imensa maioria dos trabalhos histórico-literários analisados, acompanhem estes contributos discursos de carácter histórico-político ou de tipo relacional. Assim, as análises dos materiais pretensamente sistémicos também não dão conta da posição ocupada e da função desenvolvida no conjunto do sistema polos agentes e as instituições que o conformam, nem das normas de funcionamento do SLG no momento histórico em foco, e as referências às circunstâncias de produção e circulação dos produtos têm em geral um carácter introdutório e dificilmente podem, neste sentido, ser localizadas dentro dos objetivos focados por uma análise relacional, mas apenas dentro duma abordagem em maior ou menor grau *contextual* (entendida como o conjunto dos

11 “A historia da literatura debe procurar estudar as obras en si, destacando os seus valores estéticos, pero tamén debe incluír algunha información sobre o contexto, o que permite un coñecemento máis completo do fenómeno literario e, xa que logo, facilita interpretacións parciais da obra, que enriquecen a súa dimensión plurisignificativa ” (Gutiérrez Izquierdo 2000: 38).

elementos extra-literários a que um texto fai referência ou que explicam a produção de determinados textos).¹²

Desta maneira, quanto aos **procedimentos de arrumação e de abordagem do conhecimento**, detetamos um acordo total no agrupamento de produtos e repertórios em géneros canonizados e a aceitação com alguns matizes da arrumação dos produtores em gerações (pormenores que não impedem o uso deste método, como veremos abaixo). Ao lado desta arrumação geral encontramos vários exemplos de agrupamentos específicos também sujeitos a uma posterior organização genérica (e, depois, a outra em obras e autores) para os casos dos repertórios destinados ao público infanto-juvenil (a partir da década de setenta), para a produção feminina (integrada no corpus geral de maneira maioritária, facto seguramente favorecido pola posição central ocupada pola figura de Rosalia de Castro no SLG) e para os espaços que tanto Bassel (1991) como Torres Feijó (2004) denominam *enclaves* e que, por regra geral, serão individualizados apenas em referência ao imediato após-guerra (1940-1950) com a função de cubrir o vazio deixado pola ausência de produção em galego na metrópole, referenciados escassamente fora deste momento e referidos na bibliografia analisada sob epígrafes em que figuram termos como “emigración”, “exilio”, “diáspora” ou “exterior”.

12 Destas tentativas de análise sistémica, em maior ou menor medida deficientes ou parcelares, deverão ser excetuados, por exemplo, os trabalhos publicados por Vilavedra já no século XXI, os contributos de González-Millán e Figueroa (centrados fundamentalmente no âmbito da análise de aspetos que dizem respeito às normas e modos de funcionamento do SLG) e o trabalho já referido de Rodríguez Fernández, que aponta para a alegada falta de integração nos estudos que se ocupam do SLG pós-franquista dos elementos político-culturais que explicam a dinâmica e a transformação do sistema literário, mas que são diretamente desestimados nos materiais através dos quais acedemos ao conhecimento construído sobre o funcionamento do SLG entre 1974 e 1978 ou, na maioria dos casos, são considerados como “externos” ao sistema literário em foco. Por suas palavras (Rodríguez Fernández 1999: 59): “Este carácter externo deriva-se, principalmente, de que nestas análises se priorizam os textos e os autores, fazendo-se uma análise imanente que não permite, em nossa opinião, estabelecer as razões que explicam o porquê dessa transformação e a função que todos estes elementos desempenham. Noutros casos estes elementos, juntamente com os acontecimentos político-sociais são considerados como importantes, mas unicamente são utilizados como pano de fundo, como contexto histórico que pretende deitar luz sobre as novas dinâmicas que se verificam, mas que, em qualquer caso, afinal não são postos em relação com esses autores e obras que estudam, continuando a privilegiar a perspectiva internista”.

A estas questões relacionadas com a organização do conhecimento somam-se ainda aquelas outras referidas à **periodização**, nas quais, aos efeitos da integração do lapso 1974-1978, o início do período posterior ao pós-guerra é colocado tanto no ano da morte do ditador (1975) como em 1980. Ainda que não existe uma equivalência exata entre a tipologia de discurso crítico e a escolha duma das duas datas apontadas para separar a época franquista da autonómica (Tarrío 1998 e Vilavedra 1999 afirmam partir de idênticos postulados metodológicos sistémicos e estabelecem 1975 e 1980, respetivamente), destaca neste ponto a influência da proposta periodizadora de Francisco Rodríguez (1990: 62-63) que, sustentada na dependência de fatores exógenos ao campo literário (sócio-políticos), consiste em estender um período que entende caracterizado por uma

atmosfera que condicionará a creación literária en termos positivos -tensión e vitalidade- até 1.980, *máis ou menos*. Xa aprobada a Constitución Española e o Estatuto de Autonomía da Galiza, *especialmente* a partir de 1.981, os acontecementos irán precipitando-se nun camiño de confusión e falta de expectativa ideolóxica que condicionará gravemente non só o desenvolvemento cuantitativo -número de obras publicadas- senón tamén cualitativo da nosa literatura.¹³

13 Repare-se no caráter aproximativo atribuído à periodização polas expressões sublinhadas. Para a reprodução desta periodização contribuiu sem dúvida a importante presença do grupo do professor Rodríguez no ensino secundário (a própria obra de 1990 corresponde-se com a publicação da memória apresentada para as provas de catedrático de liceu polo líder político-cultural do grupo nacionalista). Entre os “critérios metodolóxicos para a análise do fenómeno literário galego” prescritos por Rodríguez (1990: 18; carregado no original) o número sete ocupa-se da periodização: “Os grandes períodos, que poden abranxer arredor de 25 anos, aínda que agrupen a diferentes xeracións, son do punto de vista histórico, máis sintomáticos, pois manteñen unidade e coherencia ideolóxica e cultural, nos aspectos fundamentais. **Debe fuxir-se da catalogación atomizada e alumear, con luz histórica potente, os fenómenos literarios**, e o contraste entre épocas e autores ou obras”. Desde a crítica sistémica, Vieites (1996: 12) contempla também a pertinência de levar em conta elementos externos ao campo literário (nomeadamente a relação deste com os campos político e nacional), mas coloca a questão da periodização noutros termos: “Entendemos que toda proposta de periodización debe partir da análise das características singulares do propio obxecto de estudio e no caso da literatura galega, deberemos ter presente tamén a variable sociopolítica, pois o aumento da conciencia de Galicia como país histórica, cultural ou lingüísticamente diferenciado, repercute na produción literaria cualitativa e cuantitativamente” (sobre periodologia e mudanças nos sistemas literários ibéricos *vid* Domínguez 2004).

O facto de que o conhecimento sobre o SLG esteja construído sob os parâmetros da **divisão genérica** explica, contudo, a procura duma baliza específica para a mudança na evolução de cada género concreto na bibliografia consultada.¹⁴ Desta maneira, podemos ver como o lapso temporal compreendido entre 1974 e 1978 está atravessado em vários pontos pola linha imaginária que separa o período identificado na bibliografia analisada como “posguerra” doutro que, em geral, é adjetivado como de “hoje” ou “actual” (e ao qual não é nunca colocada data de *terminus ad quem*). Julgamos que o facto dos materiais consultados terem localizado ao longo deste período mudanças parcelares no sistema (concretamente diferenças temático-estilísticas e nas condições de produção e circulação dos produtos agrupados em géneros), justifica a individualização da linha imaginária que separa o franquismo da Autonomia (1974-1978) como uma dessas “zonas difusas de imbricação e de interpenetração” que refere Aguiar e Silva (1999: 420).

Chamamos a atenção ainda para o facto de que as balizas estabelecidas para o conjunto do sistema nos materiais consultados nem sempre são funcionais depois de que a crítica efetue o agrupamento da produção em géneros e coloque marcas cronológicas específicas tentando responder à evolução de cada tipologia genérica. Da mesma maneira, esta organização do conhecimento em géneros canonizados não é analisada e em nenhum momento é questionada pola crítica literária galega, e a análise do discurso genérico é apresentada habitualmente nas monografias e trabalhos historiográficos consultados (com maior intensidade no caso da crítica dita sistémica) como um objetivo em si mesma, sem colocar em geral esta questão em função da explicação do

14 Em geral, é apontado 1976 para a poesia, 1975 ou 1977 para a narrativa (sem acordo sobre a data de esgotamento definitivo da corrente denominada «Nova Narrativa Galega» [cf, por exemplo, Salinas 1985 com Forcadela 1993]), também 1975 para a literatura infanto-juvenil e o ensaio (nalgum caso aqui também 1978) e 1978 para o teatro (se quem aborda este subcampo específico é Vieites [1996] e não Vilavedra [1998], para quem a baliza deve avançar até o fim do período de transição, que situa em 1980). Leve-se em conta, ainda, que “um código literário não se extingue abruptamente, num determinado ano ou num determinado mês, como também não se constitui dum jacto. [...] A utilização de datas precisas para assinalar o fim de um período e o início de outro, como se se tratasse de marcos a separar dois terrenos contíguos, não possui rigoroso significado analítico-referencial, apenas lhe devendo ser atribuída uma simples função de balizagem, como que a indicar um momento particularmente relevante na desagregação de um período e na conformação de outro” (Aguiar e Silva 1999: 420).

funcionamento, da estrutura ou das relações presentes no sistema em foco (como veremos adiante, esta estrutura também será reproduzida pelo sistema de ensino). Não detetamos, portanto, nos trabalhos historiográficos consultados uma análise do discurso genérico entendido como um repertório da cultura (exceto nalguma monografia específica, como as que González-Millán 1996 ou Vilavedra 2002 dedicam à narrativa); o que destaca neste tipo de produtos, porém, é a utilização destas categorias como contentores onde arrumar materiais em virtude dumas determinadas características textuais preestabelecidas.¹⁵

De acordo com a nossa análise, o modo em que está construído o conhecimento sobre o SLG em volta do período selecionado evidencia, por uma parte, o caráter relativamente aproximativo e convencional atribuído à periodização e, por outro lado, tem como principal consequência a parcelação das focagens e, portanto, a dificuldade para a compreensão global do SLG (quanto às relações do conjunto de elementos que interatuam no seu processo de construção). Entendemos que a organização do conhecimento *unicamente* por géneros e o entendimento dos géneros *apenas* como epígrafes sob as quais arrumar materiais com determinadas características textuais (sem questionar, em geral, a função e a posição que os géneros, como repertórios, desempenham no siste-

15 Lembremos as “épocas, os autores e os xéneros” que colocava Vilavedra (1999: 36) entre os assuntos de que a metodologia sistémica devia dar conta, ou, no mesmo pólo crítico, como Anxo Tarrío (2001: 17) expressa as suas preferências por “adoptar unha metodoloxía cronoxenolóxica que nos permitise observa-la evolución dos distintos xéneros canónicos desde a posguerra ata hoxe, através das diferentes xeracións, promocións ou unidades xeracionais (no sentido manheiriano [sic] da expresión)”. Por seu lado, a crítica literária mais textocéntrica (Gutiérrez Izquierdo 2000: 8) está interessada fundamentalmente no “carácter representativo dos trazos formais e temáticos do xénero ou autor estudado”. No outro pólo da crítica, em coerência com a función atribuída à literatura e com os métodos que movem o seu estudo, o oitavo criterio metodológico prescrito por Rodríguez (1990: 20; carregado no original) determina que “nunha situación como a galega, **fai-se máis apremiante o estudo das formas como expresión dos contidos**”, sem que isto signifique arrumar a produción de maneira diferente da genérica. Por contra, uma abordagem centrada nos géneros como repertórios obrigaria à crítica, de acordo com González-Millán (1995: 346), “a identificar que axentes interveñen na configuración, perpetuación e subversión das formas xenéricas e a precisar os requisitos que fan posible a súa actuación. As institucións educativas responsables da transmisión do coñecemento [quando existirem], as tradicións literarias canonizadas, o mundo editorial, os grupos e movementos literarios, determinados procesos socioculturais, as institucións avaliadoras (sobre todo as académicas) e o protagonismo de determinados textos e autores, deberían figurar entre os axentes privilexiados desta dinámica xenérica”.

ma) não favorece esses objetivos e também não possibilita abordagens transversais e em maior grau relacionais do conjunto do sistema, por exemplo quanto ao estudo de trajetórias de indivíduos, de grupos ou do papel desempenhado pelas instituições também quanto à configuração, à função e à posição dos géneros em foco, ou quanto às relações mesmas entre os vários géneros (de presença/ ausência no sistema, de hierarquia, etc.).

Apesar das questões colocadas acima sobre a organização do conhecimento em géneros, unicamente o **agrupamento geral dos produtores em gerações** é motivo dalguma reflexão crítica na bibliografia historiográfica consultada.¹⁶ No entanto, no conjunto dos trabalhos analisados, a historiografia literária da Galiza acompanha a estrutura geracional estabelecida por Xosé Luís Méndez Ferrín (1984) para a poesia galega do século XX. Este produtor, localizado crítica e politicamente na esquerda nacionalista, não defende “a análise xeracional como método *excluín*te de interpretación histórica” (Méndez Ferrín 1984: 71; *italico no original*), leva em conta o (re)conhecimento e posicionamento dos produtores em relação à tradição e entende

que o concepto [de geração literária] é insustituíble se nos propomos agrupar escritores en sectores coerentes que reflexen en bloque os condicionamentos sociais, económicos e histórico-literarios dun momento dado. Para o autor, xeración é un conxunto de escritores nados nun

16 Para a apresentação destes assuntos, alguns trabalhos analisados referem as propostas de Karl Mannheim (1928) e de Julius Petersen (1946). Em “O Problema das Gerações”, Mannheim (1928) entende estes agrupamentos de produtores como conjuntos alargados de relação (*generationszusammenhang*) que *potencialmente* podem avançar na configuração de grupos concretos (*konkretegruppen*) ou, para o que aqui nos interessa, reconhece que uma unidade geracional pode não se constituir um grupo concreto e coeso socialmente, por mais que o uso dos vocábulos “grupo” e “geração” funcionem geralmente na bibliografia consultada como sinónimos (i.e. Vilavedra 2004: 396). Para Petersen (1946), por seu lado, uma geração literária pode ser entendida em virtude de fatores como a coincidência na data de nascimento (que favorece atitudes solidárias), a comunhão de orientações pedagógicas (cifrada numa similar formação cultural e ideológica), a vivência de problemas comuns (que estimula posicionamentos e intervenções conjuntas), o eventual reconhecimento duma liderança intelectual comum, a criação duma linguagem literária específica, a desagregação da geração anterior, etc.; situações todas que apontam mais para uma tendência (ou, outra vez, uma *potencialidade*) do que para um facto relacional objetivo e objetivável.

período de dez anos, que se configuran colectivamente nun determinado intre histórico, e en relación con determinado estadio da tradición literaria precedente.

Boa prova do suceso do agrupamento de produtores feito por Ferrín na súa tese de doutoramento constitúe o facto de que este é reproducido no ensino médio inclusive desde antes da súa efetiva publicación en libro na primeira metade da década de oitenta (Colectivo Seitura 1982: 381), utilizado como modelo para os períodos non abrangidos no traballo deste crítico nacionalista (Tarrío Varela 1997: 56) e trasladado en grande medida do xénero que ocupou historicamente a posición central no SLG tamén para os xéneros diferentes do poético, en función tanto da centralidade alcanzada por este produtor no campo literario galego desde a década de sessenta (em virtude duma acumulación de capitais relacionada quer con as súas accións nos campos culturais quer con o mantimento dum discurso político enquadrado na esquerda independentista) como do pretendido carácter abrangente deste traballo historiográfico de Ferrín e da implementación dos postulados teóricos da crítica nacionalista de que faz parte.¹⁷

Na hora de agrupar os produtores segundo a data de nacemento ou de inicio da súa produción, porén, encontramos tomadas de posición no sentido de relativizar ou cuestionar a adaptabilidade desta arrumación para o estudo do SLG; isto acontece tamén no caso de Méndez Ferrín, para quem o principal motivo de roçamento entre o procedemento geracional e o estudo da realidade literaria da Galiza está localizado nas situacións políticas non favorecedoras do uso literario da lingua galega. Tanto para Ferrín como para o conxunto da crítica literaria galega (que parte da aceitação indiscutida do *critério filolóxico*), esta situación anómala afetaria en maior medida períodos anteriores ao focado nes-

17 “Non só tratei de clasificar autores e tendencias poéticas de antes e de despois da guerra antifascista, senón que tamén quixen calificar os xéneros en prosa das épocas estudadas, así como designar os feitos culturais e as actividades políticas que acompañaron á literatura e determinar os datos económicos, sociais e, en conxunto, históricos que considere necesario en cada intre para unha comprensión xusta deste anaco da nosa evolución histórico-literaria. Nesta obra enténdese a xeración de textos poéticos en lingua galega como parte do proceso de liberación nacional do noso pobo” (Méndez Ferrín 1984: 17).

te estudo (nomeadamente o imediato após-guerra) do que a década de setenta.¹⁸ Serão estas anomalias no funcionamento do SLG as causas de Francisco Rodríguez (1990: 19; carregado no original) determinar o caráter secundário do chamado “critério xeracional” fronte às normas propostas e aos métodos de abordagem já conhecidos do seu grupo:

Ademais do critério histórico-político interno, **pode empregar-se, como complementário, o critério xeracional, nunca como exclusivo ou prioritário.** Ao ser a nosa unha situación anormal, a idade ou data de nacimiento non sempre unifica aos escritores nen sequer en canto ao momento cronolóxico das suas contribucións á literatura pátria.

A contradição anotada por Ferrín e a situação de anormalidade do SLG apontada por Rodríguez para secundarizar o método geracional são também consideradas pola crítica que diz acompanhar um discurso sistémico. Por isso, à hora de reflexionar sobre a aplicabilidade do método geracional como fórmula interpretativa válida para o estudo do SLG (nomeadamente para a poesia, em virtude da já referida construção do conhecimento na base dos repertórios de género e a traslación do método de análise do género central para os restantes), Vilavedra (1999: 221) refere as várias tentativas da crítica galega (Álvarez Cáccamo e Bernárdez 1994, Román Raña 1996 ou Manuel Forcadela 1996) para “establecer un novo paradigma analítico que detectase cales destas liñas [temáticas e estilísticas] funcionan como eixes vertebradores na reconstrucción do discurso poético, e de analizar o seu desenvolvemento”.¹⁹ Contudo, o

18 Méndez Ferrín (1984: 71) indica concretamente que “a máis importante contradición que achei no meu traballo entre o concepto de xeración e a realidade literaria e cultural en cuestión, maniféstase no seguinte feito anómalo: as tres primeiras xeracións do posguerra (primeira, nados entre 1910 e 1920; segunda, nados entre 1920 e 1930; terceira, nados entre 1930 e 1940) xurden case simultaneamente. Non siguen unha á outra; agroman, máis ou menos, contemporáneas, despegan xuntas. Esta anomalía débese a que a produción de libros galegos se interrompe entre 1936 e 1950”. Román Raña (1996), por seu lado, após revisar as condicións de aplicabilidade dos criterios de Petersen para a análise da poesía galega de após-guerra, conclui que a arrumação geracional não é viável no SLG até a década de 70.

19 Anotamos como mostra das tentativas e das estratégias ensaiadas para resolver os problemas apontados, quanto ao agrupamento e a periodização no SLG, “Unha proposta de superación

alto grau de consenso alcançado pela já *tradicional* organização feita por Ferrín em inícios da década de oitenta, faz com que o novo paradigma interpretativo proposto na década seguinte não passe por superar o agrupamento dos produtores em gerações, mas apenas por servir-se da classificação geracional como ponto de partida para entender o “diálogo interxeracional que achega os estilos e as vontades e dificulta o estabelecimento de fronteiras diacrónicas” (Álvarez Cáccamo e Bernárdez 1994: 3-4) ou por empregá-lo, em último caso, “non tanto como ríxida clasificación xeracional senón a modo de esqueleto cronolóxico que nos oriente para seguir o desenvolvemento das principais propostas estéticas” (Vilavedra 1999: 221). Assim, o conjunto da crítica literária que se ocupa do SLG dos anos setenta acompanhará efetivamente o método de arrumação dos produtores em gerações minimizando a importância dos agrupamentos para a compreensão do sistema (recorrendo ao carácter convencional das categorizações e mesmo recolhendo, nalgum caso, a ideia da produção como ato individual e solitário do génio criador vinda do romantismo), alegando o peso do consenso em volta duma tradição já consolidada, razões de comodidade, claridade expositiva ou o suposto didatismo derivado deste procedimento (veja-se tanto Tarrío 1994: 346 e 2001: 20 como, no pólo da crítica mais esteticista, Rodríguez Gómez 1986: 11-12).

Destacamos ainda a permanência nas monografias e trabalhos historiográficos publicados nas três décadas que abrange a bibliografia consultada destes procedimentos tanto de arrumação do conhecimento (géneros, gerações, periodização...) como de análise temático-estilística dos materiais organizados em obras e autores; além do mais, o conhe-

da orde xeracional oitenta/noventa” de Iris Cochón Otero (in Tarrío 2001: 285-287), em cujo estudo esta professora da USC nega validez, por convencional, ao conceito de geração e afirma partir “dunha consideración global do decurso poético do último cuarto de século XX, [com o qual] é claro que as súas premisas de partida combaten o carácter compacto tanto dos anos oitenta coma dos noventa, isto é, socavan as bases ontolóxico-periodolóxicas habituais” (pág. 286). Em concreto, a proposta de Iris Cochón passa por agrupar e estudar conjuntamente a produção poética de 1976 a 2000, ainda que na mesma obra enciclopédica este período é dividido e abordado separadamente em “A poesía de fin de milénio: os anos oitenta” (responsabilidade da também professora da USC M^a Xesús Nogueira [in Tarrío 2001: 290-363]) e em “A poesía de fin de milenio: O reaxuste dos anos noventa” (redigido pola própria investigadora responsável da alternativa colocada como integradora; in Tarrío 2001: 366-417).

cimento assim construído é tresladado aos livros de textos e aos manuais utilizados no **ensino** (nas suas várias etapas) desde a introdução das matérias de língua e literatura galega na educação escolar obrigatória em 1979 até (polo menos) o ano 2009, com o que fica garantida a sua transmissão e reprodução no conjunto do sistema.²⁰ Julgamos que vale a pena indicar ainda, como mostra das diferentes tomadas de posição presentes no estratégico campo do ensino, das lutas dos diferentes grupos polo seu controlo e da sua evolução ao longo destes trinta anos, que os principais responsáveis (Gutiérrez Izquierdo, Navaza Blanco e Rodríguez Gómez) pola elaboração da *Proposta didáctica* assinada por Guillén Álvarez *et al* em 2004 tinham participado já em 1982, sob a direção do professor da USC Varela Jácome, na redação do manual de *Literatura Galega* para 3º ano de bacharelato “aprobado como libro de texto pola Consellería de Educación coa data 5-X-1982” e, polo mesmo, reeditado e utilizado maioritariamente no ensino na primeira metade desta década. Na apresentação dos conteúdos deste sucedido curso de literatura galega, o denominado daquela Colectivo Seitura ocupa-se em maior medida da compoente social do facto literário do que o farão os mesmos professores nas décadas posteriores (Gutiérrez Izquierdo *et al* 1991 e 2003), quando já centram a referida proposta didáctica no “estudo sistemático dos textos, co obxecto de [os alunos e alunas] captaren as súas dimensións estéticas” (Guillén Álvarez *et al* 2004: 6). Esta secundarização dos critérios heterónomos, que vinham tendo um importante peso relativo nos materiais destinados a circular em no campo do ensino desde 1979, não alcanza da mesma maneira a proposta de *Desenvolvemento curricular* elaborada por Bao Abelleira e Vázquez González (1997: 12), onde (aínda) figura o objetivo da crítica “identitária” maioritária neste campo: “Comprende-la relación entre a obra literaria e o contexto sociocultural

20 Sirva apenas como exemplo do apontado a *Programación de lingua [e literatura] galega pra ensino básico* publicada pola Xunta de Galicia em 1979 (MEC-XG 1, 1979: 49 e 54), que contempla entre os seus objetivos que o alunado “vaia anotando as características que definen os distintos xéneros literarios” e entre os conteúdos previstos o “estudio dos xéneros literarios”; e veja-se também a *Proposta didáctica* de língua e literatura galega publicada já em 2004 com a pretensão de que “ao rematar a etapa, alumnas e alumnos teñan demostrado coñecementos solventes sobre [...] as etapas da literatura galega, recoñecendo autores e obras”(Guillén Álvarez *et al* 2004: 5).

no que foi creada e recoñecer nela as influencias literarias e non literarias”.

Em todo o caso, no percurso bibliográfico realizado verificámos que, juntamente com os numerosos libros de texto e manuais, a produción após 1978 de traballos historiográficos sobre a literatura galega tamén foca directa ou indirectamente o campo do ensino e que, em todos estes materiais, o objetivo de “Saber en que circunstancias se desenvolveu a nosa literatura e coñece-los seus autores e obras máis importantes” (Mouriño Cagide *et al* 1991) combina-se em maior ou menor medida com o intuito de conhecer quais foron as “correntes estéticas e ideolóxicas que configuraron até o presente a personalidade cultural e histórica da Galiza a través do esforzo criador dos seus escritores” (Mato Fondo e Fernández Pérez-San Julián 1992).

Este assunto leva-nos à última cuestión que queremos abordar neste traballo. Ao falarmos da neutralización metodolóxica já chamámos a atención para a coincidencia básica entre o conxunto dos conteúdos apresentados nos materiais consultados (a referida *confluencia de resultados*); isto significa que o modo em que foi construído o coñecemento sobre o SLG (em concreto sobre 1974-1978) faz com que as formas de presentación e os propios resultados tenham um alto grau de similitude (e apresentem, portanto, as mesmas lacunas) seja qual for a orientación teórico-metodolóxica colocada à partida no traballo historiográfico concreto. Porém, isto não significa que não existam diferenzas entre discursos críticos (nas páxinas anteriores foram expostos elementos comuns e diferenciais entre eles) e, para o que pretendemos analizar neste momento, que não haja **mudanças na linha central do discurso crítico** galego posterior a 1978, considerado agora historicamente e não em función das diferentes focagens metodolóxicas que o sustentam.

Estas mudanzas têm a ver, no básico, com a constatación de que, a medida que avança o proceso de autonomización e institucionalización do SLG, tem lugar uma relativa mas progressiva diminuição da atención prestada ou do grau de intensidade com que são abordadas determinadas cuestións e, ainda que alguns elementos mantêm uma posición de centralidade similar em todo o proceso, há outros assuntos (ou mesmo con-

ceitos concretos) que não têm continuidade no discurso crítico galego considerado no lapso cronológico de 1979 a 2009. Em concreto, apontamos para a ausência do **referente de reintegração** português tanto do campo da historiográfica literária como dos materiais destinados diretamente para o campo do ensino depois da primeira metade de oitenta.

No primeiro caso, já referimos as semelhanças estruturais entre as literaturas galega e portuguesa alegadas por Vázquez Cuesta em 1980 para reforçar a autonomia do SLG em relação ao SLE, e poderemos citar ainda o trabalho de Carlos Reis (1992: 461) em volta da “síndrome do periferismo” que, segundo o professor de Coimbra, parece afetar por igual a cultura galega e a portuguesa. Sobre o segundo tipo de produtos, sabemos que o manual de Fernández Herráiz e García Uría (1982: 5) inclui entre os materiais apresentados “algumas noções da Literatura Portuguesa, co fin de encadrar o feito literário galego no ámbito que lle corresponde, de maneira que o alumno consiga unha visión universalizadora da nosa cultura”. Ora, se bem o uso da “literatura portuguesa e as literaturas de expresión portuguesa, como complemento adecuado pra facilitarmos unha visión universalizadora da nosa cultura” (MEC-XG 4, 1980: 31) figura na primeira *Programación de Lingua e Literatura Galegas pra BUP*,²¹ após a supressão nos Deseños Curriculares Base para o ensino secundário da Galiza dos conteúdos respeitantes às literaturas lusófonas (Xunta de Galicia 1992 e 1993) e verificada a falta de continuidade do elemento lusófono na historiografia literária galega depois do contributo de Vázquez Cuesta (1980), as referências relativas ao intersistema cultural galego-luso-brasileiro estão limitadas depois da primeira metade de oitenta nestas duas instâncias legitimadoras (crítica e ensino) às práticas e repertórios compartilhados com Portugal durante a Idade Média (entre os séculos XII e XV), altura em que surge e se consolida neste espaço um sistema cultural laico promovido pola nobreza galega no romance ibérico ocidental (para as “Consideracións sobre o

21 No seu “Programa de Contidos” destinados ao terceiro ano de bacharelato, a *Programación* “preparada polos profesores Víctor F. Freixanes, Xosé M. Enríquez, Xosé L. Grande Grande, Antonio Gil Hernández e Xosé R. Pena” (MEC-XG 4, 1980: [3]) contemplava o estudo de dous temas monográficos (um sobre “Luís de Camões” e outro sobre “As literaturas de expresión portuguesa”) e de várias epígrafes dedicadas ao estudo do referente de reintegração português integradas no corpo do programa docente (nos temas 6, 8-10 e 14-15).

período medieval na historiografia literária galega” *vid* Gutiérrez García 2004). Não detetamos, portanto, referências significativas ao período abrangido pelo projeto Fisempoga, apesar do papel de relativa centralidade jogado nessa altura pela relação com a Lusofonia nas diferentes estratégias de vários dos grupos presentes no SLG, ou dos labores de assistência identitária realizados por agentes do galeguismo em Portugal, nomeadamente por Rodrigues Lapa nos campos literário e linguístico galego deste período.²²

Julgamos que este abandono da referencialidade portuguesa na crítica que se ocupa do SLG deve estar relacionada nalguma medida com a passagem desde uma função de referente de reintegração a outra de referente de oposição no campo da codificação linguística (Samartim 2005), mudança acontecida no centro do sistema cultural galego a partir da institucionalização em 1982 pela Relá Academia Gallega [RAG] (e oficialização um ano depois pelo Governo autonómico) das propostas nesse sentido sustentadas pelo ILG com intensidade variável desde a sua criação em 1971. Apesar dos grupos nacionalistas da esquerda promoverem até os inícios do século XXI modelos linguísticos alternativos e em maior grau próximos dos estándares de Portugal e do Brasil que os oficializados pelas instituições culturais e políticas autonómicas (Samartim 2004), a crítica nacionalista, preocupada na defesa do carácter autónomo e periférico do SLG, tampouco sustenta a linha de discurso ensaiada por Vázquez Cuesta em 1980.²³ Esta carência de referências

22 De acordo com o conhecimento do SLG fornecido por vários trabalhos de membros da equipa que sustenta o projeto Fisempoga (*vid* Loureiro 2006 ou Torres Feijó 2007), estamos em disposição de afirmar que a falta de continuidade desta linha de estudo na bibliografia de referência deixa fanado o conhecimento sobre o SCG (pois menos) entre o franquismo e a transição.

23 Entre os objetivos da segunda etapa de ensino básico figurava em 1979 “[«traballar co neno para lograr»] que sexa consciente das semellanzas e diferencias co portugués” (MEC-XG 1, 1979: 47), e entre os objetivos marcados para o primeiro ano de Bacharelato estava também nessa altura “Insistir e facer ver no alumnado un carácter universalizador do galego: isto é, facer ve-la situación do noso idioma e cultura nun marco universal, nas súas relacións cos países románicos en xeral e coa área galego-portuguesa en particular” (MEC-XG 4, 1980: 8). Confronte-se esta focagem com a ausência de referências à língua e à literatura portuguesas na didática preparada polo nacionalismo em meados de oitenta (Radio 1986), e com a equidistância representada na única referência detetada nos “Contidos do terceiro ciclo” do ensino primário após a introdução da Ley de Ordenación General del Sistema Educativo (LOGSE, Ley Orgánica 1/1990): “Relacións e interferencias da lingua galega con outros

em quanto a relações intersistémicas também não é preenchida pola crítica dita sistémica.²⁴

Na linha desta ausência de analogias ou de reflexões sobre as relações com outros sistemas literários referenciais para o SLG historicamente considerado, chamamos a atenção também para a escassa atenção dedicada nos manuais e nas enciclopédias consultadas à função da **tradução** no sistema e, da mesma maneira, apontamos também para a inexistência na bibliografia consultada de alusões ao sistema catalão, tradicional **referente de analogia** que desempenha uma importante função quer como modelo para a periodização básica do SLG quer como fonte de transferências para campos emergentes em finais dos setenta e primeiros oitenta, nomeadamente pola via da tradução de literatura infanto-juvenil (Figueiras 2009 para este assunto concreto e Figueroa 2002 para as questões metodológicas envolvidas na autonomia e as relações intersistémicas). A estas ausências devemos opor, porém, a continuidade nos discursos críticos da defesa ou justificação da autonomia do SLG face ao seu **referente de oposição** (nomeadamente na crítica nacionalista), do recurso aos elementos sócio-políticos externos ao SLG a modo de explicação “contextual” (que não relacional) e da afirmação unânime do *critério filológico* como única norma sistémica, em todo o caso dentro da relativa escasseza de referências a este assuntos nos trabalhos historiográficos gerais já notada (Samartim 2009) e com intensidade variável em função das diferentes motivações das principais focagens metodológicas que sustentam o discurso crítico-historiográfico após 1978.

Para concluirmos, apontamos também para o paulatino avanço no processo de **confluência terminológica** que deriva no uso geral do sintagma “literatura galega”, a custo da percepção do progressivo esvai-

idiomas. Galego e portugués. Galego e castelán. Galego, francés e inglés” (Xendro *et al* 1993: 43).

24 Apesar de detetar a necessidade de que “o estudio da literatura galega como un sistema autónomo e autóctono debería atender, describir e explicar [...] a súa pertenza a diversos sistemas interliterarios (no noso caso, hispánico, europeo e lusófono, fundamentalmente), definidos en función de criterios de natureza territorial, etnolingüística, rexional, etc. e cun espectro relativamente estable e ben definido para cada unha das literaturas nacionais que operen no seu marco” (Vilavedra 1999: 19-20).

mento de terminologia em maior medida nacionalitária (nomeadamente “literatura nacional”, de maior sucesso nos anos oitenta do que nos noventa) e na assunção gradual da terminologia sistémica polo conjunto da crítica desde a primeira metade da última década do século XX.²⁵ Esta expansão de terminologia sistémica alcanza também a crítica nacionalista, como demonstra a recolha sumária feita sobre os vários volumes editados por Ansede e Sánchez Iglesias em 1996 efetuada por Gómez Sánchez e Queixas Zas (2001: 5; *italicos nossos*) com o “obxectivo de sintetizar, nun manual con carácter divulgativo, aqueles episodios, obras, autores e autoras fundamentais na configuración do noso *sistema literario*”. O termo “sistema literário” será utilizado, então, desde inícios da década de noventa até esta primeira década do século XXI como sinónimo do conceito geral “literatura galega”, sem esta primeira aceção se corresponder necessariamente com análises propriamente sistémicas e, portanto, com base empírica e centradas no estudo da literatura como uma rede relacional de elementos interdependentes (confrontem-se, neste sentido, as monografias de González-Millán, Figueroa, Torres Feijó, Rodríguez Fernández ou Vilavedra [2002] que figuram na nossa bibliografia, com os conteúdos dos manuais publicados ou coordenados por Vilavedra [1999] ou Tarrío).

25 “G[onzález]-M[illán] e Antón Figueroa [...] foron os que asumiron principalmente a responsabilidade de fornecer desde comezos dos anos noventa as bases para os estudos sistémicos aplicados á literatura galega. Libros como *Communication littéraire et culture en Galice* [1997], cabo doutros, constituirían boa proba. Desde logo isso é certo, pero non constitúe toda a verdade. [...]. Porque G-M foi tamén, entre nós, o máis frontal crítico en relación cos presupostos que poden representar a teoría dos polisistemas de Itamar Even-Zohar ou a teoría do campo literario de Pierre Bourdieu. Foino sobre todo nos seus últimos anos e de maneira ben decidida ademais. Tanto, que se podería dicir que aspirou a impugnar eses operativos para postular outros alternativos, de maior largura e cargados do que el mesmo describiría como *tensión utópico-proxectiva*” (Casas 2002: 34; *italicos no original*). Entre as publicacións no espazo galego relacionadas com as teorías sistémicas e de campo indicaremos apenas os traballos editados na primeira metade da década de noventa polo propio Itamar Even-Zohar (1993 e 1995; com presenza anterior no ámbito hispano através da revista espanhola *Criterios* [Even-Zohar 1985-1986]), González-Millán (1990, 1992 e 1994), Antón Figueroa (1992 e 1994) ou Elias J. Torres Feijó (1995). Já no fim desta década Rodríguez Fernández (1999: 60) referia que “nestes últimos anos da mão de investigadores como X. González Millán, Antón Figueroa ou Elias Torres começan a pôr-se os alicerces na Galiza duma nova maneira de abordar o fenómeno literário, considerando-o um sistema e interrelacionando e estudando todos estes elementos e a sua função e pertinência”.

3. Síntese conclusiva

No caso galego, o *nacionalismo filológico* é responsável pola atribuição à língua galega do carácter de única norma sistémica com independência das condições de aplicabilidade do chamado *critério filológico* e das diferentes propostas político-culturais existentes nesse sentido em cada estágio do processo de construção do SLG. A crítica e a historiografia literária galega tresladam assim para o SLG o valor atribuído à língua como principal elemento etno-identitário diferencial da comunidade e, ao não colocarem no centro das suas análises os (conflituosos) processos de legitimação normativa em sistemas deficientemente institucionalizados, excluem das margens do SLG tanto as análises das tomadas de posição que matizam ou discutem esta função identificadora da língua galega no sistema literário, como os resultados que daí se derivam para o funcionamento do sistema e os discursos sobre outras eventuais funções atribuídas a este elemento identitário (de competência intercomunitária ou de relacionamento com outros sistemas culturais, por exemplo). Assim mesmo, a íntima relação existente entre os processos de construção dos campos literário, político e nacional (Figueiroa 2001), explicam a heteronomia do primeiro a respeito dos segundos promovida polos grupos nacionalistas, com centro de ação e objetivos referenciados no campo político nacional galego, tanto a respeito das normas de repertório propostas (critério *identitário*) como dos métodos de estudo e interpretação do SLG (acompanhando o chamado critério *histórico-político interno*).

Em virtude da função como conformadora da identidade nacional atribuída polos grupos nacionalistas da Galiza à literatura e da posição relativamente central do *nacionalismo literário* em sistemas emergentes como o galego se historicamente considerados (de acordo com relações entre os campos político, nacional e cultural apontada), estes grupos procuram manter ou melhorar a sua posição nos campos em que atuam (também no da historiografia literária) e oferecem resistência perante as mudanças na estrutura e no funcionamento do sistema literário derivadas do processo de institucionalização (político e cultural) dirigido no novo tempo polos seus antagonistas ou opositores também nos campos político e nacional. Entendemos que isto explica o mantimento dos mé-

todos de interpretação *tradicionais* elaborados polo grupo para a abordagem do sistema quando este se encontrava numa situação de (maior) dependência, a oposição destes grupos a atribuírem valor tanto às regras identificadoras e hierarquizadoras como aos produtos propostos polos grupos e agentes que pretendem a sua institucionalização de acordo com o novo quadro de oportunidades, assim como que estes grupos nacionalistas não reconheçam a autoridade das novas instituições legitimadoras (quer políticas quer culturais) e que criem as suas próprias instâncias de legitimação (tal como acontece para o caso da codificação linguística, em que o nacionalismo galego só reconhece a autoridade da RAG em 2003 [Samartim 2003]).

No caso galego, as mudanças na direção da progressiva institucionalização e autonomização dos campos político e literário trazem consigo após a transição política (claramente afirmadas depois de 1982) a consolidação definitiva da língua galega como norma sistémica e a incorporação de novas regras e instituições legitimadoras que foram discutidas ao longo da década de oitenta e parte de noventa pola crítica nacionalista; este pólo da crítica, colocado em posições de *resistência sistémica* (Samartim 2009), discutiu nessa altura o que entendia era um risco de assimilação do SLG polo SLE em virtude de que o repertório do primeiro crescia com normas e modelos transferidos do seu histórico referente de oposição (Even-Zohar 2005: 50-67).²⁶ A necessidade de explicar estas mudanças e, sobretudo, a estrutura e o funcionamento do SLG neste novo estágio justifica a adoção de novas ferramentas metodológicas por parte da crítica e da historiografia literária galega na última década do século XX. A posição das teorias sistémicas de Even-Zohar e

26 “A progressiva institucionalização do sistema literário galego está ao serviço da normalização da produção literária, onde as diferentes tomadas de posição são, por outra parte, uma boa prova de que os caminhos e as estratégias dos grupos não são coincidentes. Discute-se, fundamentalmente durante o período compreendido entre 1975 e 1995, qual é a literatura que se deve fazer, quais são os materiais que devem ser actualizados, qual a tradição que deve ser considerada, quais os sistemas literários em que pegar para preencher aquelas lacunas que o galego não pode cobrir, se é necessária ou não uma literatura de consumo, se há que escrever romance melhor do que novela ou romance melhor do que poesia, se há que tematizar o compromisso com o país nos textos literários ou unicamente este compromisso deve ficar garantido através da qualidade estética, etc; todas estas perguntas formuladas a partir de 1975 pretendem ser resolvidas com o objectivo de conseguir a autonomia sistémica” (Rodríguez Fernández 1999: 89).

sociológicas de Bourdieu no campo científico internacional, a sua contrastada aplicabilidade para a análise de casos de literaturas periféricas como a galega, assim como o trabalho de difusão no campo científico da Galiza levado a cabo por agentes como González-Millán ou Figueroa explicam, julgamos, a adoção destas teóricas de base relacional por uma parte da crítica galega nucleada na USC.

Da mesma maneira, no repasso polos diferentes discursos críticos presentes neste período histórico no campo da historiografia literária galega notamos que as escassas tomadas de posição de carácter pretensamente textocêntrico e esteticista detetadas na nossa bibliografia podem ser explicadas em virtude duma reação ao peso do discurso político-nacional no campo literário e da crítica; julgamos que isto, juntamente com o caminho para posições mais centrais de propostas metodológicas que consideram o texto como mais um elemento do Sistema Literário (porém não necessariamente o mais importante), contribuiu para se produzir nesse pólo da historiografia literária um retorno à tradição crítica de base estruturalista e textual.

Verificamos, contudo, uma aplicação irregular das ferramentas metodológicas relacionais no campo da crítica galega, com maior sucesso em trabalhos monográficos sobre aspetos particulares do que em enciclopédias e manuais historiográficos gerais (ainda que Vilavedra 1999 e Tarrío 2001 e 2002 avançam nesse sentido); aqui, o peso do formato “História da Literatura” e das focagens tradicionais contribui para que a centralidade das análises não esteja colocada na explicação da evolução diacrónica da configuração duma rede de relações, nem da função e da posição relativa dos elementos interdependentes que a constituem num determinado estágio do sistema, senão em grande medida na *tradicional* abordagem temático-estilística de obras e autores organizados em géneros e gerações; além do mais, as análises e apontamentos sobre o contexto político-económico-cultural do período em causa substituem por regra geral as referências às relações internas e externas que contribuiriam para entender o funcionamento do sistema.

O conhecimento sobre o SLG assim construído (apresentado aqui para o período 1974-1978) permite-nos concluir este trabalho afir-

mando que, apesar das valiosas informações sobre elementos ou aspetos concretos que atingem o funcionamento deste sistema deficitário num período caracterizado pola mudança política, os materiais em foco têm uma utilidade relativa para atingir este objetivo, já que este conhecimento não está nem elaborado nem arrumado de maneira relacional, polo qual contém as lacunas já apontadas e referidas não apenas ao seu carácter parcelar, parcial ou ideologizado, mas também relacionadas com défices na deteção das normas que funcionan no sistema, métodos utilizados para a abordagem, organização e hierarquização do saber e, não menos importante, ausências de análises dos programas e projetos dos grupos que agem no SLG em relação com a estrutura institucional de que se dotam ou em que atuam.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR e SILVA, V. M. de (1999), *Teoría da literatura*, Almedina, Coimbra.
- ÁLVAREZ CÁCCAMO, X. M.; C. L. BERNÁRDEZ. (1994), *Cincuenta anos de poesía galega: antoloxía*, Penta, A Coruña.
- ANSEDE ESTRAVIZ, A.; C. SÁNCHEZ IGLESIAS. (eds.) (1996), *Historia da literatura galega*, 5. vols., AS-PG / A Nosa Terra [ANT], Vigo.
- BAO ABELLEIRA, X. A.; S. VÁZQUEZ GONZÁLEZ. (coord.) (1997), *Literatura galega do século XX. Desenvolvemento Curricular*, Consellería de Educación e Ordenación Universitaria, [Santiago de Compostela].
- BASSEL, N. (1991), "National Literature and Interliterary System", *Poetics Today* 12(4), 773-780.
- BERAMENDI, J. G. (1991), "El Partido Galleguista y poco más: organización e ideoloxías del nacionalismo gallego en la II República", in J. González Beramendi & R. Máiz (comps.), *Los Nacionalismos en la España de la II República*, Consello da Cultura Galega / Siglo Veintiuno, Santiago de Compostela / México, 127-170.
- CARBALLO CALERO, R. (1981³), *Historia da literatura galega contemporánea 1808-1936*, Galaxia, Vigo.
- CASAS, A. (2002), "A Teoría crítica da cultura e a planificación dos estudos socioculturais (para ler González-Millán)", *Anuario de estudos literarios galegos*, 29-38.
- COLECTIVO SEITURA (1982), *Literatura galega*, 3^º BUP, Xerais, Vigo.
- DOMÍNGUEZ, C. (2004), "Periodología, cambio literario e historia comparada: apuntes metodolóxicos", in A. Abuín & A. Tarrío (eds.), *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas na Península Ibérica*, Servicio de Publicacións, USC, Santiago de Compostela, [121]-152.
- EVEN-ZOHAR, I. (1985-1986), "La búsqueda de leyes y sus implicaciones para el futuro de la ciencia de la literatura", *Criterios* 3(13-20), 242-247.

- EVEN-ZOHAR, I. (1993), "A Función da literatura na creación das nacións de Europa", *Grial* 120, 441-458.
- EVEN-ZOHAR, I. (1995), "Planificación da cultura e mercado", *Grial* 126, 181-200.
- EVEN-ZOHAR, I. (2005), *Papers in Culture Research*, The Porter Chair of Semiotics, Tel Aviv University, Tel Aviv. Acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/index.html>
- FERNÁNDEZ HERRÁIZ, P.; I. GARCÍA URÍA. (1982), *Literatura galega 3º BUP*, [VELOGRAF], Santiago de Compostela.
- FIGUEIRAS, C. G. (2009), "A literatura infanto juvenil galega no tardo-franquismo", in C. Villarino Pardo et al (eds.), *Da Galiza a Timor. A lusofonia em foco. VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (Santiago de Compostela, 18 a 23 de Julho de 2005)*, Servizo de Publicacións, USC, Santiago de Compostela, Vol. III, 1973-1982.
- FIGUEROA, A. (1988), *Diglosia e texto*, Xerais, Vigo.
- FIGUEROA, A. (1992), "Literatura nacional e sistema literario", *Trabe de ouro* 3(11), 399-407.
- FIGUEROA, A. (1994), "Literatura, sistema e lectura", *Anuario de estudios literarios galegos*, 97-107.
- FIGUEROA, A. (2001), *Nación, literatura, identidade: comunicación literaria e campos sociais en Galicia*, Xerais, Vigo.
- FIGUEROA, A. (2002), "Literaturas minoritarias: autonomía e relacións interliterarias", *Anuario de estudios literarios galegos*, 55-67.
- FORCADELA, M. (1993), *Manual e escolma da Nova Narrativa Galega*, Sotelo Blanco, Santiago de Compostela.
- FORCADELA, M. (1996), "A Poesía de posguerra", in A. Ansedo Estraviz & C. Sánchez Iglesias (eds.), *Historia da Literatura Galega*, AS-PG / ANT, Vigo, Vol. 5, 1058-1088.
- GÓMEZ SÁNCHEZ, A.; M. QUEIXAS ZAS. (2001), *Historia xeral da literatura galega*, ANT, Vigo.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1990), "Cantares gallegos: o rexurdimento dun sitema literario menor", in K. N. March (ed.), *Homenaje a R. Martínez López*, Edicións do Castro, Sada, 23-31.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1991), "Unha Etnopoética para unha literatura periférica", in A. Carreño (ed.), *Actas do Segundo Congreso de Estudios Galegos = Proceedings of the Second Galician Congress: homenaxe a José Amor y Vázquez*, Galaxia, Vigo, 339-347.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1992), "A Configuración historiográfica dunha literatura marxinal", in *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Dirección Xeral de Cultura, [Santiago de Compostela], 445-452.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1994), *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)*, Xerais, Vigo.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1995), "A Cuestión dos xéneros na periferia literaria: Ámbitos de investigación", *Trabe de ouro* 3(23), 343-352.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (1996), *A narrativa galega actual (1975-1984). Unha historia social*, Xerais, Vigo.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. (2002), "Nacionalismo literario y teoría del campo literario: la experiencia gallega de las últimas décadas", in S. Bermúdez et al (eds.), *De naciones sin estado a la España postnacional*, Society of Spanish and Spanish American Studies, Boulder, 223-236.
- GUILLÉN ÁLVAREZ, R.; R. GUTIÉRREZ IZQUIERDO; A. IGLESIAS ÁLVAREZ; X. M. MOO PEDROSA; G. NAVAZA BLANCO; L. RODRÍGUEZ GÓMEZ; A. RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ. (2004), *Lingua e literatura 1. Proposta didáctica*, Vol. 1, Xerais, Vigo.

- GUTIÉRREZ GARCÍA, S. (2004), "Consideracións sobre o período medieval na historiografía literaria galega", *Boletín galego de literatura* 31, 29-47.
- GUTIÉRREZ IZQUIERDO, R. (2000), *Lecturas de nós. Introducción á literatura galega*, Xerais, Vigo.
- GUTIÉRREZ IZQUIERDO, R.; G. NAVAZA BLANCO; L. RODRÍGUEZ GÓMEZ; R. GUILLÉN ÁLVAREZ; X. M. MOO PEDROSA. (2003), *Bacharelato 2. Lingua e literatura galega*, Vol. 2, Xerais, Vigo.
- GUTIÉRREZ IZQUIERDO, R.; G. NAVAZA; L. RODRÍGUEZ. (1991), *Literatura galega 3º BUP. Historia. Antoloxía de textos*, Xerais, Vigo.
- HARLOW, B. (1987), *Resistance literature*, Methuen, New York.
- LOUREIRO, C. (2006), *Trajectória e Estratégias do prof. Manuel Rodrigues Lapa no Proto-Sistema Cultural Galego do Tardofranquismo (1968-1975)*, Trabalho de Investigação Tutelado [polo professor Elias J. Torres Feijó], Dpto de Filología Galega, USC.
- MANNNHEIM, K. (1928), "Das problem der generationen", in Herman Luchterhand, *Wissenssoziologie*, Neuwied, Berlin.
- MATO FONDO, M. A.; C. FERNÁNDEZ PÉREZ-SANJULIÁN. (1992), *Literatura galega: Textos escollidos*, Bahía Edicións, A Coruña.
- MATO FONDO, M. A.; P. PALLARÉS; F. SALINAS PORTUGAL. (1988), *Literatura do século XX*, Via Láctea, A Coruña.
- [MEC-XG=] Comisión Mixta Ministerio de Educación & Xunta de Galicia (1979), *Programación de lingua galega pra ensino básico*, Vol. 1, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela.
- [MEC-XG=] Comisión Mixta Ministerio de Educación & Xunta de Galicia (1980), *Programación de Lingua e Literatura Galegas pra BUP*, Vol. 4, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela.
- MÉNDEZ FERRÍN, X. L. (1984), *De Pondal a Novoneyra*, Xerais, Vigo.
- MOISAN, C.; D. SAINT JACQUES. (1987), "Présentation [L'autonomisation de la littérature]", *Études littéraires* 20(1), 9-16.
- MOURIÑO CAGIDE, X.; M. QUEVEDO RODRÍGUEZ; R. ÁLVAREZ BLANCO. (coords.) (1991), *Historia da literatura galega. 3º BUP*, Santillana, Madrid.
- PETERSEN, J. (1946), "Las generaciones literarias", in E. Ermatinger *et al*, *Filosofía de la ciencia literaria*, Fondo de Cultura Económica, México, 137-194.
- RADÍO, S. E. (1986), *Didáctica da lingua e literatura galega*, Galiza Editora, Ourense.
- RAÑA, R. (1996), *A Noite nas palabras: unha aproximación á poesía galega de posguerra*, Sotelo Blanco, Santiago de Compostela.
- REIS, C. (1992), "Criação literaria e periferismo cultural: para una ideologia da marginalidade", in *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Dirección Xeral de Cultura, [Santiago de Compostela], 461-466.
- RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, M. X. (1999), «Luzes de Galiza» no Sistema Literário Galego (1985-1995), Tese de Licenciatura [orientada polo prof. Elias J. Torres Feijó], Dpto de Filología Galega, USC.
- RODRÍGUEZ GÓMEZ, L. (1986), *Desde a palabra, doce voces. Nova Poesía Galega*, Sotelo Blanco, Santiago de Compostela.
- RODRÍGUEZ, F. (1990), *Literatura galega contemporánea (problemas de método e interpretación)*, Edicións do Cumio, Vilaboa.

RODRÍGUEZ, F. (1996), “Definición, características e periodización da literatura galega”, in A. Ansedo Estraviz & C. Sánchez Iglesias (eds.), *Historia da Literatura Galega*, AS-PG / ANT, Vigo, Vol. 1, 5-32.

SALINAS PORTUGAL, F. (1985), *A «Nova Narrativa Galega»*, Edicións Xistral, Lugo.

SAMARTIM, R. L.I. (2003), “O «Dia das Letras» no Sistema Literário Galego: O caminho para o reconhecimento da autoridade da Academia”, *FORUM* 33, 59-69. Acessível em <http://grupogalabra.com/fisempoga.html>.

SAMARTIM, R. L.I. (2004), “Presença e referência portuguesas nas estratégias sócio-culturais dos grupos políticos na Galiza tardofranquista”, in *VIII Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*, CES-FEUC, Coimbra. Acessível em <http://grupogalabra.com/fisempoga.html>.

SAMARTIM, R. L.I. (2005), “Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de Galaxia”, *Agália* 83-84, 9-53. Acessível em <http://grupogalabra.com/fisempoga.html>.

SAMARTIM, R. L.I. (2009), “Critérios canonizadores num sistema literário deficitário (o caso galego para 1974 1978)”, *Veredas* 12, 81-106.

SAMARTIM, R. L.I. (2010), *O Processo de Construção do Sistema Literário Galego entre o Franquismo e a Transição (1974-1978): Margens, Relações, Estrutura e Estratégias de Planificação Cultural*, [tese de doutoramento orientada polo prof. Elias J. Torres Feijó, Dpto de Filologia Galega, USC], Servizo de Publicacións, USC, Santiago de Compostela.

TARRÍO VARELA, A. (1986), “Rosalía, Curros, Pondal: Literatura e colonización”, in *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo*, Consello da Cultura Galega, Santiago de Compostela, 395-401.

TARRÍO VARELA, A. (1994), *Literatura galega. Aportacións a unha historia crítica*, Xerais, Vigo.

TARRÍO VARELA, A. (1997), “A Literatura galega na Galicia exterior = La literatura gallega en la Galicia exterior”, in *A Galicia exterior = La Galicia exterior*, Consellería de Cultura e Comunicación Social, Santiago de Compostela, 44-65.

TARRÍO VARELA, A. (1998), “Periodización da literatura galega”, *Actas das I Xornadas das Letras Galegas en Lisboa*, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Santiago de Compostela, 15-24.

TARRÍO VARELA, A. (coord.) (2001), *A literatura desde 1936 ata hoxe: poesía e teatro. Galicia. Literatura*, Vol. XXXIII, Hércules, A Coruña.

TORRES FEIJÓ, E. J. (1995), *A Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literarias (1900-1936)*, Tese de Doutoramento [orientada polo prof. José Luís Rodríguez], Dpto de Filologia Galega, USC.

TORRES FEIJÓ, E. J. (2000), “Norma lingüística e intersistema cultural: o caso galego”, in J.M. Carrasco González et al (eds.), *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera, 1º Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 967-996.

TORRES FEIJÓ, E. J. (2004), “Contributos sobre o obxecto de estudo e metodoloxía sistémica: Sistemas literarios e literaturas nacionais”, in A. Abuín & A. Tarrío (eds.), *Bases metodolóxicas pra unha historia comparada das literaturas da península ibérica*, Servizo de Publicacións, USC, Santiago de Compostela, 423-444.

TORRES FEIJÓ, E. J. (2007), “O 25 de Abril e as súas inmediatas consecuencias para e no campo cultural galeguista”, in H. González & M.X. Lama (eds.), *Actas do VII Congreso Internacional*

de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e outros pobos da Península, Ediciós do Castro, Sada, 689-701. ACESSÍVEL EM <http://grupogalabra.com/fisempoga.html>.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1980), "Literatura gallega" in José María Díez Borque (ed.), *Historia de las literaturas hispánicas no castellanas*, Taurus, Madrid, 619-896.

VIEITES, M. F. (1996), *Manual e Escolma da Literatura Dramática Galega*, Sotelo Blanco, Santiago de Compostela.

VILAVEDRA, D. (1998), "El teatro gallego después de 1975: una incipiente madurez", *Revista de Lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca* V (1996-1997)(5).

VILAVEDRA, D. (1999), *Historia da literatura galega*, Galaxia, Vigo.

VILAVEDRA, D. (2002), "Xénero narrativo e identidade en Galicia: unha achega diacrónica", *Anuario de estudios literarios galegos*, 121-137.

VILAVEDRA, D. (coord.) (2004), *Diccionario da literatura galega*, Vol. 4, Galaxia, Vigo.

VILLANUEVA, D. (coord.) (1992), *Los Nuevos nombres: 1975-1990*, Crítica, Barcelona.

VILLANUEVA, D. (coord.), (2000), *La Edad Media, Galicia. Literatura*. Vol. XXX, Hércules, A Coruña.

XENDRO, E.; A. FERNÁNDEZ PAZ; X. LASTRA MURUAIS. (1993), *Lingua e literatura galegas: proxecto curricular Labia*, Xerais, Vigo.

[XUNTA DE GALICIA=] Consellería de Educación e Ordenación Universitaria (1992), *Lingua galega e Literatura; Lengua castellana y Literatura: deseños curriculares base: educación secundaria obrigatoria*, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela.

[XUNTA DE GALICIA=] Consellería de Educación e Ordenación Universitaria (1993), *Lingua galega e literatura: deseño curricular base: bacharelato*, Santiago de Compostela.

ROBERTO LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM: Licenciado em Filologia Galega com prémio extraordinário (1998), Filologia Portuguesa (1998), DEA [Mestrado] em Estudos Clássicos e Medievais (2000) e Doutor em Filologia Galega (2010) pela Universidade de Santiago de Compostela (USC). Bolseiro de investigação do Instituto Camões (1999-2001) e da USC (2003-2005), foi professor visitante na Universidade de Vigo (2003) e, desde 2006, é professor no Departamento de Galego-Português, Francês e Linguística da Universidade da Corunha. No ano 2002 ganhou o Prémio Carvalho Calero de Investigação com *A Dona do Tempo Antigo. Mulher e campo literário no Renascimento Português (1495-1557)* (2003), resultante da pesquisa no projeto de investigação «Entre diletantismo e profissionalidade: Escritoras na Europa do sul, da Idade Média à Modernidade». Atualmente integra o projeto «Fabricação e Socialização de Ideias num Sistema Emergente durante um Período de Mudança Política (Galiza 1968-1982)» e publicou resultados em forma de capítulos de livros, artigos em revistas e comunicações em congressos internacionais, enquadrando-se aqui também a tese de doutoramento intitulada *O Processo de Construção do Sistema Literário Galego entre o Franquismo e a Transição (1974-1978): Margens, relações, estrutura e estratégias de planificação cultural* (USC, 2010). Desde novembro de 2010 dirige a *Agália. Revista de Estudos na Cultura* e desde julho de 2011 é Secretário Geral da Associação Internacional de Lusitanistas.